

# Roberto Cardoso de Oliveira e a Antropologia no Brasil

Ruben George Oliven

**Como citar:** OLIVEN, R. G. Roberto Cardoso de Oliveira e a Antropologia no Brasil. *In:* RUBIM, C. R. (org.). **Iluminando a face escura da lua:** homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 163-170. DOI:  
<https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-242-0.p163-170>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A  
ANTROPOLOGIA NO BRASIL

*Ruben George Oliven*

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Christina Rubim e seus colegas por terem me convidado. É a primeira vez que venho a Marília, mas há vários anos ouço falar da *Jornada de Ciências Sociais da Unesp*, que se realiza aqui e que é um evento muito importante. Também estou muito contente de estar aqui com a professora Cecília Helm, da Universidade Federal do Paraná. E fico muito feliz em ver minhas colegas de UFRGS, Cornélia Eckert e Ana Luiza Rocha.

Estou muito honrado por ter sido convidado para falar em um evento em homenagem ao Professor Roberto Cardoso de Oliveira, em que ele mesmo está presente. Infelizmente, não fui seu aluno, nem seu colega; mas nós temos uma longa trajetória de se encontrar em eventos acadêmicos, de trabalhar juntos em projetos, de conversar, etc. Portanto, gostaria de começar contando a primeira vez que conheci Roberto.

Em 1974, meus colegas e eu decidimos criar um Curso de Especialização em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ainda não tínhamos “massa crítica” suficiente para criar um mestrado e a especialização era o primeiro passo na pós-graduação. Em 1978, quando eu

tinha voltado da Inglaterra, onde realizei meu doutorado, eu e meus colegas chegamos à conclusão de que aquele era o momento para criar o mestrado. Nosso corpo docente era formado por alguns poucos doutores, alguns mestres e alguns professores que estavam realizando doutorado no exterior.

Fui escolhido coordenador do projeto de criação do mestrado e várias pessoas me disseram “precisas conversar com o Professor Roberto Cardoso de Oliveira porque ele é o representante da Antropologia tanto na CAPES como no CNPq”. Portanto, o Roberto era poderoso mesmo! Descobri que ele iria para Florianópolis conversar com nossos colegas da Universidade Federal de Santa Catarina que também estavam tentando criar um mestrado. O coordenador do projeto era o Professor Silvio Coelho do Santos, que foi aluno de Roberto. Eu conhecia Silvio de quem era e continuo sendo muito amigo. Falei com ele que me confirmou a vinda de Roberto.

Resolvi ligar para Roberto e quando ele atendeu, eu disse: “O senhor não me conhece, meu nome é Ruben Oliven, estamos criando um curso, eu sei que o senhor está indo para Florianópolis, eu gostaria de convidá-lo para vir também para Porto Alegre para discutir conosco a criação de nosso mestrado em Antropologia Social. E para surpresa minha ele disse: “Não, eu não posso ir para Porto Alegre, pois já estou com a agenda lotada.” Quando a gente é jovem, a gente tem cara de pau. Eu disse: “Não tem problema, nesse caso eu estou indo para Florianópolis para falar com o senhor.” Telefonei para Silvio Coelho, dizendo que estaria em Florianópolis por ocasião da visita de Roberto e Silvio, com sua tradicional generosidade, disse que eu era bem vindo.

Quando finalmente me reuni com Roberto no começo de nossa conversa ele foi cético em relação à possibilidade de criarmos o mestrado. Ele me disse: “Vocês têm poucos professores. Quem é que vocês têm? Faltam doutores. Acho que vocês têm de esperar um pouco antes de partir para a criação do mestrado”. A análise dele estava correta, mas procurei ponderar-lhe que, embora nós realmente estivéssemos com poucos professores, tínhamos o ânimo de criar o mestrado, e que se não o criássemos naquele momento perderíamos o ímpeto. Argumentei que seria difícil de recuperar o ânimo anos mais tarde e disse que o “timing” da criação do mestrado era naquele momento. Roberto não disse nada, mas pensando retrospectivamente acho que ele usou sua experiência de quem já tinha criado dois programas de pós-graduação (Museu Nacional e UnB) para se dar conta de que não faz sentido

travar um grupo de pesquisadores que está animado com um projeto. Depois de conversarmos muito, ele me deu uma de suas publicações, com uma dedicatória que me deixou muito satisfeito porque dizia “Ao Ruben George Oliven, na expectativa do maior sucesso na criação do mestrado”. Estou contando isso para mostrar que um dos traços marcantes do Roberto é essa mescla de rigor acadêmico com generosidade pessoal. Ele estava preocupado, com razão, em saber se tínhamos condições de criarmos o mestrado (eu também estava preocupado, mas obviamente não podia dizer isso a ele), mas, por outro lado, ele foi capaz de entender que para nós aquele era o momento.

Roberto ocupa uma posição ímpar nas ciências sociais por uma série de características que formam parte não só de sua personalidade, mas também de sua trajetória. O primeiro aspecto que gostaria de destacar é que sua graduação realizada na Universidade de São Paulo, foi em Filosofia, o que sempre o marcou de modo positivo. Em qualquer texto seu há uma preocupação lógica, conceitual, de rigor analítico, que está sempre presente, não importando o tema.

O segundo aspecto da obra de Roberto que gostaria de destacar é sua preocupação constante em torno da relação entre Antropologia e Ética, que possivelmente está relacionada com sua formação em Filosofia. Esta questão é fundamental para o exercício do ofício de antropólogo. A preocupação com o compromisso ético que os antropólogos têm em relação aos grupos que estudam e em relação à sociedade como um todo está presente nas mais variadas fases da trajetória intelectual de Roberto. Ele volta constantemente a esse tema, mas sempre em patamares diferentes. Seu pensamento vai evoluindo com o correr do tempo. Ética não pode ser tratada de um modo burocrático, ela não admite fórmulas prontas, pois é relacional e contextual. Não é possível fazer uma “receita pronta” para a ética; ao contrário, ela precisa ser discutida e rediscutida constantemente. É o que Roberto tem feito o tempo todo.

O terceiro aspecto que gostaria de destacar diz respeito ao próprio título dessa mesa, “Roberto Cardoso de Oliveira e a Antropologia Brasileira”. Se formos pensar a Antropologia no Brasil nessas últimas décadas, constataremos que ela passou de um *status* relativamente secundário em relação às outras ciências sociais a uma posição de destaque. Até o final da década de sessenta, começo da década de setenta, fazer Antropologia era basicamente estudar as sociedades indígenas, camponeses e às vezes “comunidades” que viviam em aldeias e

pequenas cidades. As “grandes questões” não eram tratadas pela Antropologia. Naquela época havia “grandes questões” como o Estado, as classes sociais, o desenvolvimento, os sindicatos, os partidos políticos, e como a Antropologia não se dedicava a esses assuntos, ela era considerada uma ciência social menor.

Hoje em dia, a situação está mudada de forma impressionante. A Antropologia passou a ser uma ciência social como as outras e participa na maior parte dos debates sobre questões consideradas importantes no Brasil. É impossível discutir uma série de temas sem a participação de antropólogos: violência, religião, esporte, saúde, relações de gênero, juventude, terceira idade, imagem, etc.

Roberto teve um papel importante nesse processo. O orientador de sua tese de doutorado foi Florestan Fernandes, uma figura que todo mundo conhece e que já foi um dos cientistas homenageados numa das Jornadas de Ciências Sociais realizadas em Marília. Ele certamente foi um dos cientistas sociais que mais estudou assuntos diferentes. Florestan começou sua carreira estudando a função social da guerra entre os Tupinambás, um estudo clássico sobre esse grupo. Estava, portanto, apto a orientar um antropólogo. A tese de doutorado de Roberto defendida em 1966 na USP e que foi publicada como livro tem como título “Urbanização e Tribalismo: a integração dos Terena numa sociedade de classes”. Ele escolhe um tema moderno: o impacto da sociedade nacional sobre grupos indígenas que se urbanizam. E, assim, situou a questão indígena no centro da problemática brasileira.

Nesse sentido, o trabalho de Roberto é pioneiro. Ele realizou pesquisas etnográficas de alta qualidade em sociedades indígenas. A partir de seu trabalho de campo, ele cria o conceito de fricção inter-étnica, que passou a ser uma referência fundamental para os que vão estudar grupos indígenas. Em vez de se ater a conceitos até então prevalecentes no estudo de contato entre grupos como assimilação, aculturação, Roberto inova e diz: “Existe algo chamado sociedade nacional e os índios estão na sociedade nacional”, o que hoje em dia pode parecer evidente, mas na época era algo revolucionário. Além disso, ele assinala que os índios constituem etnias, o que hoje em dia é óbvio, porque a maior parte dos conflitos no mundo se dá em termos de etnicidade, mas naquela época não. Parte do pensamento social brasileiro achava que os indígenas não passavam de camponeses, de modo que lhes eram negado o status de grupo étnico.

Roberto aponta para a relação entre a sociedade brasileira como um todo e a população indígena, e mais do que isso, mostra como o processo de urbanização, pela qual a sociedade brasileira estava crescentemente passando também afetava algumas sociedades indígenas. Sua tese de doutorado trata justamente dessa questão. Além de examinar a questão da urbanização ao analisar um grupo indígena, ele também mostra que seus membros estão vivendo numa sociedade que é de classes sociais, o que certamente os afeta. O livro resultante da tese teve um grande impacto na Antropologia e continua sendo uma obra de referência. Hoje em dia, existe um número expressivo de antropólogos brasileiros que seguem esse caminho aberto por Roberto e procuram ver como o Brasil se relaciona com suas populações indígenas e vice-versa. Eles são índios do Brasil ou índios que vivem no Brasil?

Pode-se falar longamente a respeito da obra do Roberto. Mas, isso não seria possível num depoimento deste tipo, porque sua obra é muito extensa. Mas seus escritos estão todos publicados. Além disso, existem vários trabalhos sobre sua obra que podem ser consultados.

Gostaria de assinalar um outro papel que considero igualmente importante na trajetória de Roberto: o de construtor de instituições. Em 1999 em Florianópolis, por ocasião da criação do Doutorado em Antropologia Social da UFSC, Roberto e eu participamos de uma mesa-redonda intitulada “Antropologia no Brasil: passado, presente e futuro”. A fala de Roberto foi muito interessante. Baseado em conceitos de Weber, ele disse que era possível dividir a Antropologia brasileira em três períodos: o heróico, o carismático e o burocrático.

O primeiro período (o heróico) ocorre nas décadas de trinta e quarenta do século passado e a ele pertencem figuras como Curt Nimuendaju e Gilberto Freyre. Esse é o período em que os antropólogos não tinham o título de doutor, às vezes tinham o de mestre, como foi o caso de Gilberto Freyre, mas isso é secundário porque os títulos de pós-graduação naquela época ainda não contavam muito.

O segundo período (o carismático) ocorre nas décadas de cinquenta e sessenta. Como sabemos, através de Weber, o carisma é uma qualidade jamais colocada em questão; ela faz parte de seu detentor. Entre as figuras carismáticas da Antropologia apontadas por Roberto Cardoso de Oliveira estão Herbert Baldus, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro (o primeiro foi

professor dos últimos dois), Eduardo Galvão (primeiro brasileiro a obter o doutorado em Antropologia no exterior, na Columbia University nos Estados Unidos), Donald Pierson, Oswaldo Rodrigues Cabral (criador da Antropologia na UFSC), José Loureiro Fernandes (criador da Antropologia na UFPr) e Thales de Azevedo (criador da Antropologia na UFBA). Os três últimos eram médicos de formação. Todos, a seu modo, foram figuras fortes que ajudaram a criar a Antropologia em universidades e museus numa época em que ela era ainda incipiente.

Sabemos, entretanto, também através de Weber, que se o carisma não se rotiniza, ele não deixa marcas. E isso se dá no terceiro período (o burocrático) que ocorre a partir do final da década de sessenta e que corresponde à institucionalização da Antropologia com a criação dos modernos programas de pós-graduação em Antropologia Social. O público que está aqui presente nessa *Jornada de Ciências Sociais* é de alguma maneira fruto desse terceiro período em que ocorre um crescimento e uma racionalização e burocratização do sistema. É a antropologia organizada em departamentos universitários, programas de pós-graduação, em congressos, com regras para ser sócio da Associação Brasileira de Antropologia. Quando esta última foi criada em 1955, ela reunia uns poucos sócios e para ser associado bastava lecionar ou pesquisar em Antropologia, não importando a formação. Com o crescimento da ABA, foi necessário estabelecer critérios. Hoje em dia, para ser sócio dela é preciso ter a titulação mínima de mestre em Antropologia ou em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia. Alguém que não tem essa titulação mínima pode ser aceito como sócio da ABA, desde que tenha uma produção ou uma atuação respeitável em Antropologia. Mas essa situação é cada vez mais excepcional. Ou seja, o título passa a ser importante, numa profissão que não é regulamentada por lei.

Uma pergunta óbvia é: em qual desses três períodos se situa Roberto Cardoso de Oliveira? Eu diria que ele está entre o período carismático e o burocrático e que foi ele quem ajudou a fazer a transição entre essas duas fases na Antropologia brasileira. Ele faz sua graduação na década de cinquenta em pleno período carismático e tem sua tese de doutorado orientada por Florestan Fernandes, um dos expoentes desse período.

Roberto tem uma característica moderna que era e é rara no Brasil: a mobilidade geográfica. Comparado com, por exemplo, os Estados Unidos, a mobilidade geográfica no mundo universitário brasileiro é mínima. A

maior parte dos professores de universidades brasileiras dá aulas na própria universidade em que fez sua formação. Roberto inova. Ele se forma na USP e a seguir aceita um convite de Darcy Ribeiro para ir trabalhar no Rio de Janeiro no Museu do Índio. Do Museu do Índio ele vai para o Museu Nacional que hoje em dia está integrado à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No Museu Nacional, Roberto cria o primeiro curso de especialização em Antropologia. Não havia ainda mestrado e doutorado. A Universidade de São Paulo conferia o grau de doutor a pessoas que defendiam uma tese. Mas era um doutorado nos moldes antigos, isto é, o candidato elaborava uma tese, sem necessidade de cursar disciplinas. Não havia ainda nosso atual sistema de pós-graduação com créditos, mestrado, doutorado. Roberto cria algo moderno na época: um curso de especialização com disciplinas e trabalho de campo. Os alunos da primeira turma, como Alcida Ramos, Júlio César Melatti, Maria Stella do Amorim, Roberto DaMatta, Roque de Barros Laraia, entre outros, são todos unânimes em afirmar que ele era um professor muito exigente que os marcou fortemente, porque os alunos em geral só se lembram dos professores que os estimularam através de seus desafios e exigências.

Esse curso de especialização veio a dar origem depois, em 1968, ao primeiro programa de pós-graduação nos moldes modernos que conhecemos hoje em dia, que é o atual Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que Roberto ajudou a criar e dirigiu de 1968 a 1971.

Em 1971, Roberto passou um ano como *visiting scholar* na Harvard University, com uma bolsa da Fundação Ford que era o equivalente a um salário de um professor dessa prestigiosa universidade. A Fundação Ford lhe havia proposto um salário muito maior para realizar uma avaliação dos vários projetos apoiados por ela nos Estados Unidos, mas ele optou por passar a temporada exclusivamente em Harvard, dedicando-se à pesquisa, com a orientação de alunos e participação em seminários.

Ao voltar ao Brasil, Roberto passou o primeiro semestre de 1972 dividindo seu tempo entre o Museu Nacional e a UnB. No segundo semestre daquele ano, ele se transfere definitivamente para o Departamento de Antropologia da UnB, com o apoio de Roque de Barros Laraia, então diretor do Instituto de Ciências Humanas. Lá ele participa da criação do

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, inaugurado em 1972. Em 1985, Roberto volta ao estado de São Paulo para trabalhar na Unicamp, que tinha criado um mestrado em Antropologia em 1971 e um doutorado em Ciências Sociais em 1985. Ele foi o primeiro coordenador desse doutorado que é inter-disciplinar. Após se aposentar da Unicamp em 1995, ele retornou à UnB para trabalhar no CEPPAC (Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas). De modo que três dos atuais cursos de pós-graduação em Antropologia têm a marca e a influência de Roberto.

Roberto tem outras duas características que considero fundamentais em qualquer intelectual. A primeira é o humor. Eu acho o humor uma coisa importante. Nada pior que um intelectual mal humorado. Roberto é uma pessoa que consegue fazer a gente rir. Ele sempre sabe dizer uma coisa de uma forma carinhosa, jocosa. É uma qualidade que eu, particularmente aprecio muito.

Uma segunda característica de Roberto é sua a capacidade de se interessar pelos outros. Ele vai perguntar a uma pessoa mais jovem: o que você está fazendo? O que você está pesquisando? Você conhece tal livro? É muito comum o intelectual ficar tão centrado em seu umbigo que ele é incapaz de olhar para o outro. Esse tipo de pessoa está sempre falando de seu último artigo, seus livros, e fica insuportável. Roberto, ao contrário, gosta de ouvir os outros. Ficar sabendo o que os mais jovens estão fazendo mantém ele interessado e informado.

É uma pena que a esposa de Roberto, Gilda Cardoso de Oliveira, não esteja presente. Gilda é uma pessoa fantástica. Ela é formada pela USP. Roberto e ela se encontraram na universidade, onde estudaram juntos. Ela é uma antropóloga nata. Acho que a ABA poderia tranquilamente lhe dar o título de sócia. Os dois funcionam realmente como uma dupla. Eles têm quatro filhos. Um deles, Luis Roberto - vocês certamente o conhecem - é um dos mais destacados antropólogos brasileiros e professor no Departamento de Antropologia da UnB. Além disso, ele é uma rica figura humana. A família Cardoso de Oliveira apresenta uma alta densidade antropológica.

Vou encerrar aqui, porque eu estou ficando emocionado e Roberto vai começar a ficar convencido... Muito obrigado!